

## VARIAÇÃO DOS MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE VERBAL NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS<sup>1</sup>

### *VARIATION OF THE DISCOURSE MARKERS OF THE BASIC VERBAL IN ROMANIC LANGUAGES*

Cláudia A. Rost-Snichelotto  
Doutoranda em Lingüística - UFSC

#### **Resumo**

O propósito deste artigo é apresentar uma revisão bibliográfica dos Marcadores Discursivos (MDs) derivados de verbo de percepção visual na 2ª pessoa (P2) do imperativo em quatro línguas românicas a fim de explicitar similaridades e diferenças morfossintáticas e semântico-pragmáticas entre as abordagens. Verbos de percepção visual associados à P2 em enunciados de comando tendem a derivar MDs em diversas línguas, tais como “mira” e “¿ves?” em espanhol (cf. PONS BORDERIA, 1998a, 1998b; DOMINGUEZ; ALVAREZ, 2005), “regarde” e “vois-tu” em francês (cf., respectivamente, DOSTIE, 2004; VICENT; VOTRE; LAFOREST, 1993), “guarda” em italiano (cf. WALTEREIT, 2002) e “olha/vê” em português (cf. ROST, 2002, entre outros). Todavia, ainda que, em muitas línguas, existam MDs derivados de imperativo, ou seja, que apresentam semelhança morfossintática, não compartilham necessariamente nas quatro línguas os mesmos contextos semântico-pragmáticos.

**Palavras-chave:** Línguas românicas. Marcadores discursivos. Similaridades morfossintáticas. Diferenças semântico-pragmáticas.

#### **Abstract**

In this work, I intend to present a bibliographic review on imperative derived Discourse Markers (DMs), considering four romanian languages in order to investigate morphosyntactic and semantic-pragmatic similarities and differences between the approaches. Visual perception verbs associated to the second person in imperative contexts tend to rise DMs in many languages, such as “mira” and “¿ves?” in Spanish (cf. PONS BORDERIA, 1998a, 1998b; DOMINGUEZ; ALVAREZ, 2005), “regarde” and “vois-tu” in French (cf. respectively, DOSTIE, 1998; VICENTE; VOTRE; LAFOREST, 1993), “guarda” in Italian (cf. WALTEREIT, 2002) and “olha/vê” in Portuguese (cf. ROST, 2002). Nevertheless, although imperative derived DMs exist in many languages, they do not have exactly the same functions.

**Keywords:** Romanic languages. Discourse markers. Morphosyntactic similarities. Differences semantic-pragmatic.

---

<sup>1</sup> Uma versão resumida deste artigo foi apresentada no VIII Encontro do Celsul, ocorrido no período de 29 a 31 de outubro de 2008, em Porto Alegre.

## 1 INTRODUÇÃO

A investigação sobre o significado, a função, a forma e a posição dos Marcadores Discursivos (doravante MDs) é crescente em diversas línguas. Embora há muito tenham sido identificados<sup>2</sup>, só mais recentemente seu estudo foi aprofundado. Observa-se, porém, a falta de consenso quanto à definição de seu estatuto, o que não os isenta, portanto, de uma acentuada pulverização de rótulos<sup>3</sup>, pois provêm de um universo de categorias<sup>4</sup>.

MDs são elementos linguísticos, lexicalizados ou não-lexicalizados, variáveis e multifuncionais. “Amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal” (URBANO, 1993, p. 85). Podem, portanto, articular diferentes valores: “tanto de caráter textual – estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala” (GÖRSKI; ROST; DAL MAGO, 2004; MARCUSCHI, 1989).

Quanto à forma dos MDs, Marcuschi (1989) e Urbano (1993) distinguem quatro tipos: simples, compostos, oracionais e prosódicos. Por outro lado, Risso, Silva e Urbano (1996) observam que, na maioria dos casos, as formas do MDs são mais ou menos fixas, pouco propensas a alterações no plano fonológico ou morfossintático, o que corrobora com a afirmação de Basílio (apud URBANO, 1999) de que uma das características do item ao assumir funções discursivas é não estar sujeito à flexão número-pessoal e/ou modo-temporal.

Risso, Silva e Urbano (1996, p. 54-55) observaram o vínculo entre algumas classes de palavras e os MDs. Conforme os autores, a incidência mais forte de fontes de MDs são, respectivamente, as formações mistas (que reúnem classes gramaticais diferentes), os advérbios, os verbos e as conjunções. No rastreamento de contextos de MDs do *corpus* do Projeto NURC<sup>5</sup>, os pesquisadores identificaram que cerca de 20 % apresentam formas verbais como base de MDs. Sugerem, por isso, que pesquisas mais detalhadas

<sup>2</sup> Said Ali, em 1930, reconhecia-os como “expressões de situação” (apud URBANO, 1997, p. 86). Por outro lado, o logicista Martinez (1952 apud PONS BORDERÍA, 1998, p. 214) denominou-os *muletillas* (bordões), cuja função, segundo o autor, é carecer de função alguma.

<sup>3</sup> Fraser (1999, p. 932) cita, entre outras, as diferentes denominações: *cue phrases* (KNOTT; DALE, 1994), *discourse connectives* (BLAKEMORE, 1987, 1992), *discourse operators* (REDEKER, 1990, 1991), *discourse particles* (SCHORUP, 1985), *discourse signaling devices* (POLANYI; SCHA, 1983), *phatic connectives* (BAZANELLA, 1990), *pragmatic connectives* (van DIJK, 1979; STUBBS, 1983), *pragmatic expressions* (ERMAN, 1992), *pragmatic formatives* (FRASER, 1987), *pragmatic markers* (FRASER, 1988, 1990; SCHIFFRIN, 1987), *pragmatic operators* (ARIEL, 1994), *pragmatic particles* (OSTMAN, 1995), *semantic conjuncts* (QUIRK et al., 1985), *sentence connectives* (HALLIDAY; HASAN, 1976). Adoto o termo *marcador discursivo*, conforme Risso, Silva e Urbano (1996), porém, há também na literatura outras nomeações: *marcadores conversacionais* (MARCUSCHI, 1991; SILVA; MACEDO, 1996), *pontuantes* (VINCENT, 1983; VICENT; VOTRE; LAFOREST, 1993), *bordões* (MARQUES, 1993), entre outros.

<sup>4</sup> Embora nem sempre se possa estabelecer com nitidez as categorias lexicais que derivam MDs, observam-se muitos estudos em que verbos, advérbios, conjunções, adjetivos, interjeições, substantivos, pronome, preposição e até mesmo segmentos fônicos não dicionarizados são fontes de MDs (SILVA; MACEDO, 1989; RISSO; SILVA; URBANO, 1996).

<sup>5</sup> O Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta) objetiva documentar e descrever o português culto falado em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Para mais informações sobre o NURC, acesse: <<http://www.fllch.usp.br/dlcv/nurc/index.html>>.

sejam realizadas a fim de investigar o “conteúdo cognitivo-sensitivo dos verbos ajustados ao processo discursivo de estabelecimento de contato e colaboração mútua entre os interlocutores”. Segundo Castilho (1989), os verbos que funcionam como MDs distribuem-se por diversas classes semânticas: cognitivos, emotivos, de percepção e copulativos.

Nas línguas românicas, são frequentes os MDs derivados de verbos. Isso ocorre porque os verbos são uma categoria bastante heterogênea. Em comparação à classe dos nomes, a conjugação verbal permite mais opções morfológicas como ponto de partida para o desenvolvimento de MDs (PUSCH, 2008).

Neste estudo, objetiva-se apresentar uma revisão bibliográfica sobre os MDs derivados de verbos de percepção, notadamente em P2 do imperativo, em quatro línguas românicas (francês, espanhol, português e italiano). É comum a todas as investigações o fato de, em alguns contextos, os verbos de percepção visual mudarem de categoria gramatical e atuarem como MDs, situação em que funcionariam como elementos de chamamento da atenção do ouvinte para um aspecto do texto do falante. Observe os exemplos:

- (1) **A:** À mon avis, tu devrais essayer ça, des rouleaux, ça serait bien. Tiens, essaie ceux-là. **B: *Regarde***, je les essaierai une prochaine fois. T’en sers-tu? Je pourrais peut-être les apporter chez moi pour voir ce que ça donne. (DOSTIE, 2004, p. 112).
- (2) **A:** Mais comment ça se fait que tu sens l’odeur de parfum comme ça? **B:** Bien, *vois-tu*, c’est, heu..., c’est maman qui a dû en échapper sur moi. (DOSTIE, 2004, p. 114).
- (3) **E:** uma depre // fue una depre, yo que se, fue [*mira* porque tuvo que pasar]. **G:** [pa- pa- pasajera ¿no?] **E:** sy, ya se me há pasao... (PONS BORDERÍA, 1998, p. 221).
- (4) ... como él es un niño consentido entonces todo el mundo le da todo ¿ves? *por eso* es que yo le digo a mi mamá que no debería con él hacer eso, porque lo que a él le están haciendo es un daño, no un bien ¿ves?... (DOMÍNGUEZ; ÁLVAREZ, 2005, p. 9).
- (5) **E:** Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria saber mais uma coisa, tu gostas de cozinhar? **F: *Olha***, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitinhas bem legais. (ROST, 2002, p. 63).
- (6) **E:** E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças [agora]. **F:** [Pois é]. E precisava ter, né? porque *veja*, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter, né? (ROST, 2002, p. 10).
- (7) **B:** ah hai visto ali poveretto è morto così l’avevano ammazzato. **A:** tu dici? **B:** ma secondo me si’ **A:** madonna. **B:** <?> l’hanno ammazzato era ricchissimo qualcuno l’avrà fatto fuori. **A:** *guarda* che soffriva di cuore \_ eh? (WALTEREIT, 2002, p. 990).

Além da base comum, verifica-se, a partir do levantamento da literatura, que os MDs exemplificados compartilham uma gama de contextos de atuação, desempenhando funções ora mais interativas, ora mais textuais. Assim, a hipótese deste estudo é que, embora exista semelhança quanto à natureza morfossintática e fonético-fonológica nas

línguas estudadas, os MDs apresentam, em alguns contextos, variação semântico-pragmática.

Organizou-se este texto da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se a identificação das semelhanças e diferenças morfossintáticas e fonético-fonológicas desses MDs em francês, espanhol, português e italiano; na sequência, passa-se à revisão bibliográfica dos aspectos semântico-pragmáticos das diferentes abordagens; e, por fim, identificam-se as funções textuais e interacionais dos MDs e as convergências e divergências entre as línguas.

## 2 DE VERBO DE PERCEPÇÃO VISUAL A MD NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

### 2.1 Aspectos morfossintáticos e fonético-fonológicos

No levantamento de pesquisas publicadas sobre MDs de base verbal, observou-se que, em três línguas, os provenientes de verbos de percepção<sup>6</sup> visual se fixam na 2ª pessoa do singular do imperativo: (i) *mira* e *¿ves?*, em espanhol (cf. PONS BORDERÍA, 1998; DOMINGUEZ; ALVAREZ, 2005); (ii) *regarde* e *vois-tu*, em francês (DOSTIE, 2004; VICENT; VOTRE; LAFOREST, 1993); e (iii) *olha* e *vê*, em português (SILVA; MACEDO, 1989; CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; RISSO; SILVA; URBANO, 1996; URBANO, 1993 e 1999; RISSO, 1999; ROST, 2002).

Entretanto, ao comparar o paradigma verbal das quatro línguas, o italiano possui um sistema peculiar de flexão verbal para a formação do imperativo. O MD *guarda*, também procedente de verbo de percepção no imperativo, embora seja para uso em P2, apresenta flexão de 3ª pessoa do singular do indicativo (WALTEREIT, 2002).

Além de os MDs se fixarem em P2, verificam-se diferentes reflexos fonético-fonológicos. Em português, por exemplo, cada um desses itens recobre variadas formas de codificação, como *olhe* ~ [ɔya] ~ [ɔy] ~ [ɔ] – para *olha*<sup>7</sup> e, *vês* ~ *veja* –, para *vê*.

Em termos morfossintáticos, o MD *mira* do espanhol, por exemplo, tende a ocorrer nas formas *mira/mire/mirá*; ao passo que o espanhol *¿ves?* e o francês *regarde* têm forma única. Mas, a depender do contexto, este último pode ser intercambiável por *vois-tu* ou *tu vois*. Em italiano, *guarda* é codificado, para tratamento com a segunda pessoa do singular, sob as formas *guarda, guardi* e, para a segunda do plural, como *guardate*.

Em francês, espanhol e português, na constituição dos MDs derivados de verbos no imperativo, há formas de P2 que mantêm a supressão do sufixo *s*, como ocorria no latim, exceto os MDs *vês* e *¿ves?* que o conservam. Além disso, as variações dos MDs *olhe* e *veja, mire* derivam da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo.

<sup>6</sup> Outros verbos de percepção tendem a recrutar MDs de modo similar aos derivados de percepção visual. São eles: *sentire, écouter, entendre, fijate, oye*, entre outros (cf. PONS BORDERÍA, 1998; WALTEREIT, 2002; DOSTIE, 2004).

<sup>7</sup> Esse *continuum* de codificação para *olha* exemplifica uma das seis características assumidas pelas formas em processo de gramaticalização, postuladas por Heine e Reh (1984, p. 68): “quanto mais gramaticalizada uma forma mais perde substância fonética”.

Em italiano, como se viu, o MD *guarda*, diferentemente das demais línguas românicas, é formado a partir da 3ª pessoa do singular do indicativo. As outras codificações desse MD – *guardi* e *guardate* – provêm, respectivamente, da 2ª pessoa do singular do modo conjuntivo e da 2ª do plural também do indicativo (WALTEREIT, 2002).

É importante destacar, ainda, que *olha*, *guarda*, *regarde* e *mira* pertencem à categoria dos verbos regulares, ao passo que *vê*, *¿ves?* e *vois* incluem-se na dos irregulares. Além disso, *vê* e *¿ves?* referem-se à segunda conjugação, *vois* ao terceiro grupo de verbos franceses e os demais à primeira conjugação.

Scherre (2005) observou, em dados do português falado, que fatores de natureza estrutural, como conjugação regular, paralelismo fônico e discursivo, mostraram-se bastante favorecedores das variantes indicativas (sem associação evidente com o pronome *tu*). As formas associadas ao subjuntivo ocorrem de modo quase categórico em textos escritos. Todavia, Urbano (1999, p. 225) não identifica qualquer motivação no uso de *olhe/olha*, a não ser um uso acidental, e justifica que nem sempre é perceptível o reconhecimento auditivo de uma ou outra forma. Mesmo assim, destaca que o emprego de *olha* é mais generalizado, ou seja, é 2,5 vezes maior do que o de *olhe*. Essa é uma afirmação com a qual não concordamos. Acreditamos, conforme Rost (2002), que todos os usos são motivados.

Em PB, ao atuar como MD, *veja* e *vê* mantêm traços de sua origem verbal, pois, além de carregarem mais características de flexão modo-temporal e número-pessoal (*veja* ~ *vês* ~ *vê*), tendem a coocorrer junto a pronome e em posição medial de turno<sup>8</sup>, mostrando, portanto, vestígios sintáticos. Já *olha* (e variações) é o item que exhibe mais alterações fonéticas ([a] ~ [ɔya] ~ [ɔy] ~ [ɔ]) do que flexionais (*olha* ~ *olhe*) e é condicionado por contextos sintaticamente independentes<sup>9</sup> e pela posição inicial no turno (ROST, 2002).

Waltereit (2002) destaca que, como ocorre com verbos italianos, o fato de o MD estar menos propenso à flexão poderia ser tomado como um indício de seu desenvolvimento recente e, conseqüentemente, como um incentivo para um estudo sobre sua evolução contemporânea na língua falada.

Por outro lado, Pons Bordería (1998) mostra que as formas verbais perdem parcialmente certas características da categoria, mas a concordância se mantém na maioria dos casos. Apenas em quatro ocorrências de *mira* de seu *corpus* não houve concordância explícita, nos demais casos observou a possibilidade de se incluir junto ao item discursivo o sujeito *tu*, *usted* e *vos*.

<sup>8</sup> Como no exemplo: “[...] Isso aí, com o tempo vai e os objetivos que eu queria também porque eu sou uma pessoa assim que eu acho que eu me considero uma pessoa com muita sorte. Tudo que eu boto na minha cabeça eu consigo. Porque, **tu vê**, em relação ao Jair, o que eu batalhei! Nesse tempo todo foram nove anos. Esperando, pra conseguir ele, né? Mas consegui. (ROST, 2002, p. 84).

<sup>9</sup> Entende-se por *contextos sintaticamente independentes* aqueles em que as expressões (no caso, os MDs) são descartáveis sem prejuízo da construção em si, ou seja, naqueles contextos em que os MDs não parecem estar integrados como constituintes essenciais, como no seguinte exemplo: “**E**: E ele tem bastante funcionários? **F**: **Olhe**, ele tem, me parece que são quatro funcionários, tá? Porque é uma empresa nova, que não faz um ano e meio que está no mercado (ROST, 2002, p. 88-89).

Em francês, há contextos em que o MD *regarde* pode alternar com *vois-tu* e *tu vois*. Todavia, Dostie (2004) observa que, com *voir*, necessita-se obrigatoriamente do preenchimento do pronome sujeito (proclítico ou enclítico), semelhante ao MD *vê* em PB, mas diferentemente do que ocorre com o MD *regarde* e *olha*.

Quanto à correlação entre os sistemas pronominal e modo-temporal em relação à P2, observa-se, em PB, certa dependência, ao menos parcial, com o funcionamento dos MDs, conforme pesquisas de Menon (2000), Menon e Loregian-Penkall (2002) e Loregian-Penkall (2004). Rost (2002) verificou maior preenchimento do pronome sujeito *você* junto ao MD *vê*, visto que ainda retém fortes indícios de sua natureza verbal, ao passo que *olha* apresenta-se praticamente destituído desse traço no que se refere à pessoa. Segundo Scherre (2005, p. 120), “é próprio da sintaxe das orações gramaticalmente imperativas a ausência de sujeito sintático”.

Quanto à posição no enunciado, nas quatro línguas, os MDs derivados de verbo de percepção visual tendem a ocorrer no *início*, *meio* e *fim* do contexto discursivo<sup>10</sup> (MARCUSCHI, 1989; PONS BORDERÍA, 1998; RISSO, 1999; URBANO, 1999; ROST, 2002; WALTEREIT, 2002; DOSTIE, 2004).

A posição no enunciado, de feição mais sintática, parece estar intimamente relacionada à articulação tópica da conversação, de caráter mais discursivo, entendendo-se tópico como “aquilo acerca do que se está falando” (BROWN; YULE, 1983 apud FÁVERO, 1999, p. 38). Ele é, antes de tudo, uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional. Segundo Marcuschi (1986), o tópico deve ser desenvolvido por, pelo menos, duas pessoas, sendo sua condição inicial um ato de fala que deve ter alguma relação com o ato seguinte e, quando for o caso, com o anterior. Dessa forma, uma conversação fluente é aquela em que a passagem de um tópico a outro se dá com naturalidade, cuja regra básica é: a) continuidade: dois turnos contíguos que apresentam desenvolvimento do mesmo conteúdo sequenciam o mesmo tópico; b) mudança: dois turnos que não sequenciam o mesmo conteúdo constituem uma mudança de tópico; c) quebra: ocorre quando o tópico foi interrompido, podendo haver o seu retorno.

Nesse sentido, Marcuschi (1989), Silva e Macedo (1996, p. 39) e Riso (1999, p. 262) constataram a alta frequência (80% dos casos) de MDs, sejam iniciando tópicos e/ou turnos como no interior do texto. Porém, os MDs mediais tendem a ocorrer em turnos mais longos, ao mobilizarem diferentes instâncias de aberturas, como operações de exemplificação, de citações, de reintrodução de uma sequência discursiva temporariamente suspensa, de movimentos argumentativos de ressalvas, concessões, entre outras.

Após o levantamento das particularidades morfosintáticas e fonético-fonológicas dos MDs, observa-se, portanto, nas quatro línguas, o princípio da decategorização postulado por Hopper (1991, p. 22). Segundo o autor, formas em processo de gramaticalização, ao

<sup>10</sup> O contexto, segundo Urbano (1999, p. 201), é considerado uma unidade comunicativa (UC) entonacionalmente delimitada e segmentada conforme os propósitos do falante e/ou as condições discursivas da produção coletiva do texto. Frequentemente tem feição oracional, ainda que, muitas vezes, sem a estrutura e a completude gramatical canônicas.

assumirem uma nova função, perdem ou neutralizam marcas morfológicas e peculiaridades sintáticas do item-fonte. Naturalmente, no deslizamento, assumirão peculiaridades morfossintáticas da categoria-meta.

## 2.2 Aspectos semântico-pragmáticos

### 2.2.1 Não só herança latina...

No francês, *regarder* deriva de *garder*. Trata-se da junção do prefixo *re* + *garder* e significa *olhar, ver*. No entanto, *garder* provém do alemão *wardôn* e expressa o sentido de *guardar, conservar, reter*. Na língua alemã, *wardôn*, por sua vez, possui as seguintes acepções: *buscar com a vista, prestar atenção, estar atento*. Já *voir* deriva do latim *veoir* que passou a *vidēre*.

Em língua portuguesa, *olhar* deriva do latim *oculare*, que significava *dar vista, mirar*. Na passagem de uma língua a outra, mantém o sentido de *fitar os olhos em, mirar, contemplar*. De semelhante modo, no espanhol, *mirar* origina-se do latim *mīrārī* que significa *admirar-se, contemplar, olhar*.

Mesmo na sua forma latina, o verbo *vidēre* (ver) já apresentava a acepção de *avistar, empregar vista, perceber pela vista*. Em língua portuguesa e espanhola, seu significado mais concreto é *conhecer* ou *perceber pela visão*, no entanto, há outros matizes mais abstratos que envolvem sentido cognitivo, a depender do contexto, a saber: *sentir a impressão que um objeto faz nos olhos; contemplar; observar; ser testemunha; examinar; advertir; idear; imaginar; calcular; recordar; ponderar, deduzir; antever; apreciar; visitar*.

No italiano, *guarda* do infinitivo *guardare* provém de *guardar*, como no espanhol e português, e *garder*, do francês. Como significado primeiro, há o registro de *examinar, observar*. Com sentido figurado, apresenta acepção de *observar com a mente, pensar, refletir*.

Assim, com base no levantamento bibliográfico realizado, observa-se, nas quatro línguas românicas, que o significado literal do imperativo dos verbos de percepção ainda é altamente produtivo na atualidade. O que converge com o princípio da divergência de Hopper (1991, p. 22), aplicável às formas que passam por mudança linguística. O princípio da *divergência* postula a permanência da forma lexical original convivendo de modo autônomo junto à gramaticalizada, embora não se coadunem funcionalmente.

Além disso, no percurso de mudança, fica evidente que elementos designativos de espaço [+concreto] passam a ser usados como organizadores do universo discursivo [-concreto] (cf. HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). Vale ressaltar, porém, que entre os níveis, delimitados de forma discreta como domínios metafóricos distintos, há um *continuum* de pequenas mudanças que se dão metonimicamente, por contiguidade contextual, em que um uso origina outro.

É devido a esse *continuum* semântico-pragmático que, a seguir, passa-se a apresentar a revisão bibliográfica dos MDs de quatro línguas românicas.

### 2.2.1.1 O MD francês *regarde*

Dostie (2004)<sup>11</sup> observou o comportamento dos MDs *regarde* (olha) e *écoute* (escuta), do francês de Quebec, Canadá, derivados dos verbos de percepção *regarder* e *écouter*. Conforme a autora, ambos compartilham alguns contextos como MD. Embora *regarde* tenha sido herdado do francês arcaico, desapareceu da França em meados do século XX, mas persiste no francês falado em Quebec.

Conforme Dostie (2004, p.110), os verbos *écouter*, *entendre* e *voir* tendem a desenvolver sentidos cognitivos, assim como o verbo de percepção *regarder*, que gerou o sentido de *considerar*, *analisar* e *ver*. Esse “deslizamento semântico”, segundo a autora, não foi aleatório, mas decorrente do fato de que a comunicação verbal supõe um esforço cognitivo dos interlocutores. Essa mobilização cognitiva é, portanto, sinalizada e/ou lembrada, conforme descreve a autora, na conversação por meio dos MDs *regarde* e *vois-tu*.

Inicialmente, como verbo de percepção, a forma *regarde* apresenta, em P2, sentido dêitico e é empregada pelo falante para lançar um convite ao ouvinte para prestar a atenção em algo que possa ser alcançado com a visão. Como MD, Dostie (2004) destaca que *regarde* atinge seu auge de abstração quando apresenta valor cognitivo, ou seja, naqueles contextos em que o falante convida o ouvinte a prestar a atenção em elementos explícitos e implícitos do seu texto (do falante). Há alguns desses contextos que *regarde* pode ser intercambiável por *vois-tu*.

Esse uso mais amplo – de chamada da atenção do ouvinte – abre espaço para diferentes valores do MD *regarde*. Um desses valores de *regarde* se dá nos contextos em que a forma está mais integrada à sentença e visa introduzir uma ilustração/exemplo para o ouvinte. Outro valor do MD indica uma espécie de contrato entre falante e ouvinte para que ambos atentem à mensagem expressa. Nesse caso, o MD tende a ocorrer como um elemento linguístico para chamar a atenção a uma informação antecedente (uso anafórico) ou a outra, enunciada mais adiante (uso catafórico) no texto.

Em posição inicial, *regarde* constitui um prefácio do texto a ser anunciado pelo falante como marca de interação cooperativa com o ouvinte. Por fim, outro valor de *regarde* ilustra que certa idéia compartilhada pelos interlocutores é verdadeira, ou seja, a chamada da atenção do ouvinte para uma informação implícita por ambos. Neste caso, considere o exemplo a seguir:

(8) **A:** *C'est une bonne idée, ça.*

**B:** *J'ai toujours pensé que j'avais bonnes idées. On ne me fait pas assez confiance, c'est tout! **Regarde...**! C'est loin d'être bête ma suggestion.*

Neste exemplo, *regarde* sinaliza, conforme Dostie (2004), uma informação implícita, que ambos, falante e ouvinte, conhecem/compartilham.

---

<sup>11</sup> A autora investigou o Banco de Dados de Textos (literários, entrevistas, programas de televisão etc.) da Universidade de Sherbrooke. Além disso, os dados diacrônicos pesquisados são provenientes da base de textos variados do século XVII a XX, do Instituto Canadense de Microproduções Históricas e do Banco “Québéctext”, da Universidade Laval. Os dados do francês hexagonal provêm do ARTFL (*American and French Research on the Treasury of the French Language*) da Universidade de Chicago e da base de dados da Biblioteca Nacional da França.

### 2.2.1.2 Os espanhóis *mira/¿ves?*

*Mira* e suas variantes (*mire* e *mirad*) foram investigados na fala espanhola por Pons Bondería (1998)<sup>12</sup>, ao passo que *¿ves?*, *mire* e *mirá*, empregados no espanhol falado em Mérida (Venezuela), descritos por Domínguez e Alvarez (2005)<sup>13</sup>.

Para Pons Bondería, esses elementos desempenham diferentes valores na conversação, partindo do uso literal do verbo de percepção até o emprego como conector textual.

Sua explicação inicial nasce do sentido literal em que o falante usa *mira* para convidar o ouvinte para prestar atenção a um elemento da enunciação, resultando no emprego das formas verbais prototípicas. Desse sentido de base, *mira* passa a apresentar valor fático de chamada da atenção do ouvinte para o enunciado proferido pelo falante. Nesses contextos, conforme o autor, *mira* pode ser parafraseado pelo verbo de percepção *escúchame* e tem valor perlocutivo, visto que pretende que o ouvinte faça algo.

Dessa função fática primária, *mira* expande seu sentido e deriva uma espécie de função fática interna que opera anafórica e cataforicamente na unidade discursiva (UD)<sup>14</sup>, chamando a atenção do ouvinte ao contexto precedente ou avisando-o da importância do segmento seguinte. Nesses contextos, *mira* pode ser parafraseado *fijate*, pois serve como um guia ou instrução para o processamento interno do enunciado. A função fática interna relaciona-se diretamente aos usos enfáticos ou de reforço do que é dito. A ênfase, por sua vez, pertence, conforme Pons Bordería, ao terreno da modalidade, considerada como a atitude do falante frente ao que é dito. Dessa forma, *mira* passaria a desenvolver diferentes valores conversacionais: (i) desacordo frente ao que é dito, quando aparece isoladamente; (ii) rejeição a um aspecto do texto do interlocutor nos contextos em que inicia um turno; e (iii) insegurança por parte do falante frente ao conteúdo da mensagem proferida.

Associado a esses usos, observa-se o uso de *mira* como conectivo, seja um mecanismo de tomada de turno seja de mudança de tópico discursivo. Por fim, *mira* se converte em *ordenador discursivo*, servindo como instrumento a serviço da segmentação do texto tanto em nível macro quanto microestrutural.

Domínguez e Álvarez (2005) descreveram os usos de três grupos de marcadores da interação e classificam *¿ves?* como MD apelativo e interrogativo simultaneamente. Os marcadores *mira [tu]/ mire [usted]* e *mirá [vos]* são orientadores da atenção do ouvinte sobre um aspecto do texto e, por fim, *imagine*, *figúrate* são marcadores derivados de verbos de imaginação, que podem ser parafraseados por *o sea*, entre outros.

No primeiro grupo, *¿ves?* serve para verificar a compreensão do ouvinte acerca do argumento proferido pelo falante. Nesse contexto, conforme as autoras, o falante expõe um tópico polêmico e necessita reforçar sua tese com a introdução do marcador seguido de um contexto de explicação, exemplo, exposição, causa ou consequência. No segundo grupo, no qual se inclui *mira*, os marcadores chamam a atenção do ouvinte sobre um

<sup>12</sup> O autor investigou o corpus Val.Es.Co, cujas gravações foram obtidas mediante método de observação-participante e transcritas segundo método denominado “jeffersiano”, adaptado para o espanhol.

<sup>13</sup> As autoras analisaram o *Corpus Sociolinguístico de Mérida* (Venezuela).

<sup>14</sup> A unidade discursiva (UD) é, segundo Castilho (1989, p. 253), o segmento textual caracterizado semanticamente por preservar a propriedade de coerência temática de uma unidade maior. O núcleo da UD é constituído por uma ou mais orações.

aspecto do texto, normalmente presente após o marcador, pois se trata do ponto central do texto que o falante deseja ressaltar.

### 2.2.1.3 O MD italiano guarda

Waltereit (2002) examinou o desenvolvimento de *guarda* na fala italiana e identificou seis contextos favorecedores desse MD nas três posições da UD.

Primeiramente, *guarda* emerge naqueles contextos em que o falante revela certa dúvida quanto à declaração do ouvinte. Waltereit (2002) chama a atenção também para o fato de o MD estar associado a um significado adversativo e ocorrer em posição inicial do turno, conforme se evidencia em (9):

- (9) *Turn-initial DM after transition-relevance place (LIP, MB9)*  
*B: ah hai visto ali poveretto e` morto cosi` l'avevano ammazzato*  
*A: tu dici?*  
*B: ma secondo me si'*  
*A: madonna*  
*B: <?> l'hanno ammazzato era ricchissimo qualcuno l'avra` fatto fuori*  
*A: guarda che soffriva di cuore \_ eh?*

Outro contexto em que *guarda* ocorre em início de turno evidencia que o falante pretende tomar o turno, interrompendo os demais envolvidos a fim de chamar-lhes a atenção para sua idéia. Para o autor, a emergência do MD *guarda* se deu primeiramente nesse contexto e, posteriormente, se espalhou para outros. A interrupção trata-se de uma prática conversacional. Além desse uso, *guarda* é frequente nos contextos em que introduz discurso reportado.

Na posição medial, o falante emprega *guarda* para introduzir um novo tópico. Na posição final, *guarda* revela que o falante encontra-se numa situação embaraçosa e deseja sair o mais rapidamente dela. Por fim, há contextos em que *guarda* ocorre sozinho no enunciado, veiculando certa surpresa por parte do falante.

### 2.2.1.4 Os MDs do português olha/veja

As primeiras investigações acerca dos MDs *olha* e *veja* (e suas variantes) são do final da década de 80 (SILVA; MACEDO, 1989; MARCUSCHI, 1989, CASTILHO, 1989)<sup>15</sup>. Posteriormente, Urbano (1993, 1999)<sup>16</sup>, Risso, Silva e Urbano (1996)<sup>17</sup>, Risso (1999)<sup>18</sup> e Rost (2002)<sup>19</sup> realizaram estudos mais aprofundados sobre o comportamento semântico-pragmático desses MDs.

Observa-se, nesses estudos, que os itens *olha* e *veja* podem ser distribuídos, a depender do contexto, em dois níveis distintos: no primeiro, de caráter dêitico espacial, são verbos plenos, de percepção, visto que há um comando explícito do falante para o ouvinte direcionando o olhar/visão deste último (dêitico locativo), ou, num plano um

<sup>15</sup> Silva e Macedo (1989) analisaram textos orais da Amostra Censo, banco de dados que integra o acervo do PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, sediado na UFRJ. Marcuschi (1989) e Castilho (1989) investigaram os dados do Projeto NURC.

<sup>16</sup> Urbano (1993, 1999) pesquisou dados do Projeto NURC.

<sup>17</sup> Os dados analisados por Risso, Silva e Urbano (1996) foram extraídos do Projeto NURC.

<sup>18</sup> Risso (1999) investigou as ocorrências no *corpus* do Projeto NURC.

<sup>19</sup> Rost (2002) analisou 84 entrevistas de informantes das três capitais da Região Sul do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul).

pouco mais abstrato, expressando advertência; no segundo nível, são MDs que ampliam seu significado de base e, conforme Risso (1999, p.270), a referência à percepção visual aparece remanejada para a expressão de outra espécie de envolvimento sensório-cognitivo, isto é, altera-se o ponto de referência do campo visual (situações objetivas) para o da ação mental (situações (inter)subjetivas). Ou seja, por meio de expansão metafórica, o foco de atenção deixa de apontar para o ambiente situacional, e o efeito manipulativo sobre o parceiro do diálogo diminui, em graus variáveis, e o ouvinte tem sua atenção direcionada para a informação a ser provida pelo falante. Assim, ao chamar a atenção do ouvinte, *olha* e *veja* mantêm traços de sentido original no que concerne à percepção e, adicionalmente, instauram um contexto que pode revelar diferentes intenções do falante.

Quanto à configuração morfossintática do contexto de ocorrência do item, inicialmente *olha* e *veja* atuam como item lexical pleno em atos de fala claramente diretivos. Em outros contextos, apesar de manter uma estrutura similar, associado ao locativo *aqui*, há um deslocamento do espaço físico para o espaço discursivo, e *olha aqui* poderia ser adequadamente substituído por *presta atenção*. Neste caso, parece ser um contexto típico de transição de um uso verbal para um uso como MD.

Em termos de sua posição no enunciado, o falante emprega o item *olha*, à esquerda do núcleo da UD, como um meio de interagir e antecipar suas intenções com relação, por exemplo, a eventuais questionamentos do entrevistador. Além disso, há contextos em que o item já apresenta certa mobilidade posicional e co-ocorre com elementos linguísticos de valor relacional, como “*porque*”, “*mas*” e “*e*”. Nesses contextos, o falante/redator parece encadear coesivamente o resultado de uma série de argumentos que estava apresentando, ao mesmo tempo em que solicita a atenção do ouvinte/leitor para a situação descrita. Portanto, *olha* e *veja* aparecem em posição relacional, contribuindo simultaneamente para a chamada de atenção do ouvinte e a sequenciação do fluxo discursivo.

Guerra (2007) realizou uma análise comparativa entre as principais abordagens teóricas que estudam os MDs com o intuito de precisar sua definição. No geral, os resultados apontam que há entre as pesquisas investigadas a convergência no que diz respeito ao princípio da conectividade desses itens, entre os quais se inscrevem a forma derivada do indicativo *olha* e a do subjuntivo *veja*.

Assim, a forma verbal imperativa canônica parece ser sistematicamente enfraquecida, já que cada vez mais se distancia do mundo externo para algo que faz parte do texto do falante/redator, isto é, chamando a atenção do ouvinte/leitor para sua declaração. Esse movimento mostra um duplo deslocamento: desbotamento do conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo e mudança gradativa do estatuto categorial – de verbo a MD.

Com base na literatura sobre os MDs e na análise das entrevistas do Projeto Varsul, Rost (2002) resumiu nove contextos de atuação<sup>20</sup> de *olha* e *veja*:

---

<sup>20</sup> Entende-se por “contextos de atuação discursiva” aqueles enunciados nos quais se evidencia a atuação dos itens auxiliando na veiculação de diferentes significados semântico-pragmáticos, não se manifestando apenas em termos de relação interpessoal (maior grau de intersubjetividade), mas também sinalizando envolvimento do falante consigo mesmo (maior grau de subjetividade).

**Quadro 1: Multifuncionalidade de *olha* e *veja***

<i>Propriedade de chamada da atenção do ouvinte</i>	
Macrofunção articuladora predominantemente interacional	Macrofunção articuladora predominantemente textual
Contextos de atuação discursiva	Contexto de atuação discursiva
De advertência <sup>21</sup>	Retórica (SCHIFFRIN; URBANO) <sup>22</sup>
Interjetiva <sup>23</sup>	Exemplificativa <sup>24</sup>
Atenuadora (CASTILHO; SILVA e MACEDO) <sup>25</sup>	Causal <sup>26</sup>
De planejamento verbal (RISSO) <sup>27</sup>	Concessiva <sup>28</sup>
Prefaciadora (SCHIFFRIN; RISSO) <sup>29</sup>	

**Fonte:** Adaptado de Rost (2002, p. 74)

<sup>21</sup> Como no exemplo: “**E:** Não tinha nenhuma aluna que se apaixonava pelo professor? **F:** Não. Até que não teve. **E:** **Olha**, Dona Juce!” (ROST, 2002).

<sup>22</sup> Observe o exemplo: “**E:** Tá, agora, assim mudando um pouco de assunto, Ana, o que que tu achas que é falar bem o português? **F:** Falar bem português? **Olha**, eu acho que se eu estou conversando com uma pessoa e nós estamos nos entendendo, a gente está falando bem” (ROST, 2002).

<sup>23</sup> Por exemplo em: “**F:** Essa aqui era um namorado meu. Ah! meu Deus, [que lindo]! **E:** [Nossa! Que bonito], [hein]! **F:** [E eu] não gostava dele. Eu [me escondia]. **E:** [Mas **veja**]! **F:** Que pena! Como é que é o nome desse cachorro? Não me escreveu. Mas ele era lindo, ele me adorava e eu não gostava dele. Porque, olha eu podia ser feliz, né? Não, mas era uma <doenç-> [uma paixão]” (ROST, 2002).

<sup>24</sup> Atente-se ao exemplo: “**E:** Então eu não sei se ela sabia [que] que a vida da gente era tão difícil, né? Aquela época de escola assim a gente era sofrido porque minha mãe doente, meu pai bebia muito, né? Então a gente plantava quintal, que tinha umas galinhas, então tudo a gente tinha que cuidar. **Veja** você, o nosso Grupo, o Grupo que eu estudei, era lá [na] o Pedrosa, na República Argentina. A gente morava na Vila Guaíra, na Rua São Paulo, esquina com a Rua Alagoas, lá em cima perto da linha, que eu nem sei se hoje tem aquelas favelinhas na beira da linha desde o Parolin até lá [na] na Vila Guaíra lá quase perto do Portão” (ROST, 2002).

<sup>25</sup> Observe o exemplo: “**E:** Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria saber mais uma coisa, [tu] tu gostas de cozinhar? **F:** **Olha**, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galinho. Mas eu tenho duas receitas bem legais. Duas coisas que eu gosto, assim, de fazer, que eu aprendi e gostei de fazer. Uma é uma salada bem gostosa, assim, com frutas, né? e outra é um creme” (ROST, 2002).

<sup>26</sup> Por exemplo: “**F:** Na pracinha que tem, agora tem aquela panificadora Pãozinho, do lado ali, era. **E:** Ah, sei, sei, sei. **F:** **Então**, ali era o ponto final do Vista Alegre. Depois tinha que vim a pé de lá pra trazer pra cá uns trequinhos de carroça, **né?** Chovia, você, pra vim de carro pra cá, era só de jipe acorrentado. **Então**, quer dizer, o bairro evoluiu muito, mas não aquela evolução total, **porque vê**, hoje nós temos rua aqui sem saída. Temos, quer dizer, [pouco] pouca, vamos supor assim, pra você sair prum bairro ou pro outro. A população aumentou pouco também. Isso quer dizer **Então** você tem que ficar. **Então** a gente se acostuma, já se habituou naquele parado, **né?**” (ROST, 2002).

<sup>27</sup> Como no exemplo: “**F:** Suja. Curitiba é um cartão postal, é muito bonita, e agora está muito suja. Está suja e relaxada, mas isto acho que o culpado mesmo é o governo pelo falta de verba. Porque você **vê**... eu acho, eu sempre pego uma casa <d> de uma família, eu faço uma comparação com o governo. Se numa casa não há boa administração, então [as] as coisas não vão bem. E assim é o governo, se não tem [<a>] administração boa o país não pode ir bem, [né?]” (ROST, 2002).

<sup>28</sup> Atente-se para o exemplo: “**E:** É e esse pessoal que, por exemplo, que mora nessas casas são quase todo mundo de fora, né? **F:** É, |a maioria são gente| que veio aí [do] do nortão aí, né? que acabou a mão de obra, o maquinário entrou lá, os bóias frias, então, eles vieram pra cidade grande tentar a sorte, não tinham onde morar foram invadindo as áreas aí. E hoje [cinquenta] cinquenta por cento de Curitiba é invadido. E hoje pra você achar um curitibano nato aqui é, no caso daqui, você acha (“um ou outro”) **e olhe lá**” (ROST, 2002).

<sup>29</sup> Por exemplo: “**E:** E esses programas aí, da Prefeitura principalmente, pra criar escolas integrais para as crianças ficarem direto, será que resolve? **F:** Pois é, mas aí você **veja**, eu conheci o projeto PIA, que a criança até catorze anos fica das sete da manhã às sete da noite, [no <proje->] no projeto PIA. Aí, teria que vir daí os pais e fazer eles ficarem das sete da noite até às sete da manhã dentro de casa, né? E eles depois das sete da noite eles ficam na rua até uma, duas horas da manhã cheirando cola, então não resolve nada esse programa. Praticamente, isso aí [está] está isentando [o] os pais na [Como][como] como que eu posso dizer pra você, [é] ajudar nos gastos da família, porque ele está comendo ali, então, não vai gastar em casa, mas não está colaborando em nada. Esse que é o problema da marginalidade no Brasil, de Curitiba e de lugar nenhum” (ROST, 2002).

Não se pretendeu, nesta seção, apresentar uma classificação definitiva desses MDs. Muito pelo contrário, espera-se, a partir dessa exposição, reexaminar as formas e os contextos de atuação dos MDs *olha* e *vê* e aprimorar as nomenclaturas funcionais e as definições. Como atesta Urbano (1999, p. 226), “só em estudos exaustivos de cada marcador ou conjunto de marcadores poderão ser identificadas conclusivamente funções mais específicas e precisas deles, dentro do contexto real de suas ocorrências”. Essa afirmação estampa a necessidade de estabelecimento de traços básicos identificadores do estatuto dos MDs, capazes de conduzir a uma definição mais precisa e operacionalmente viável de sua natureza (RISSO; SILVA; URBANO, 1996, p. 22).

### 3 AS FUNÇÕES TEXTUAIS E INTERACIONAIS DOS MDS

Na seção anterior, observaram-se variadas relações semântico-pragmáticas (prefaciação, desacordo/rejeição, advertência, atenuação, exemplificação, causa, consequência, entre outras) expressas pelos MDs em quatro línguas românicas, ou seja, a coexistência de novos valores semântico-pragmáticos ao lado dos antigos (no uso como verbo de percepção visual). Verificaram-se também exemplos que explicitam os MDs como elementos relacionais, não só em posições entre turnos, mas também intraturnos.

Esses novos valores dos MDs podem ser associados a funções mais amplas, denominadas “basicamente orientadoras da interação”. Derivados dessa função mais ampla, desempenham duas subfunções, conforme Urbano (1999, p. 226-233): (i) fáticos de natureza imperativa e entonação exclamativa; (ii) fáticos de início de fala citada. Urbano (1999, p.226) ratifica a hipótese de que, em PB, as formas *olhe*, *olha* e *veja* não são uma simples abertura de frase, mas têm realmente uma significação pragmática de solicitação de atenção, sem qualquer valor semântico que a forma verbal de fonte lexical pareça embutir.

Essa função mais ampla, conforme o contexto, recobre duas macrofunções: uma basicamente interacional e outra basicamente textual. A primeira com maior ênfase nas atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo tendo em vista o ouvinte, enquanto que a segunda mais voltada para a sequenciação do texto, assinalando relações de caráter coesivo. Essa distribuição leva em consideração a abrangência dos graus de envolvimento dos parceiros durante a interação, sugeridos por Urbano (1999, p. 198). Embora esse autor aponte a complexidade e ambiguidade das circunstâncias em que a fala é produzida, trata-se de mecanismo de orientação interacional em que se evidenciam os processos de envolvimento pessoal (maior subjetividade) e interpessoal (maior intersubjetividade) dos parceiros conversacionais. A nosso ver, é possível reunir os diferentes contextos de atuação discursiva de *olha* e *vê* em duas macrofunções, assim definidas:

- a) macrofunção articuladora predominantemente interacional: o componente basicamente “orientado para o ouvinte” caracteriza um maior grau de *intersubjetividade*, com uma sinalização clara da interação face a face e de um maior envolvimento dos parceiros conversacionais; e
- b) macrofunção articuladora predominantemente relacional/textual: o componente basicamente “orientado para o falante/texto” caracteriza um maior grau de *subjetividade*, com atuação em contextos que relacionam

operações como argumentação, causalidade, exemplificação, entre outras, ajudando a organizar a atitude do falante diante do próprio texto (adaptado de GÖRSKI, 2006).

Efetuamos essa discretização binária, mas admitimos que, no efetivo funcionamento dos itens, seja um tanto arbitrário considerar essas macrofunções separadamente, uma vez que (i) “os fatores interacionais são inerentes à expressão linguística, devido à introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal de um ato comunicativo (JUBRAN, 2006, p. 29); e que (ii) esses contextos/macrofunções são distribuídos num *continuum* com sobreposições e situações de ambiguidade, cuja distinção decorre da identificação das características mais salientes, já que os limites são fluidos, graças à instabilidade das configurações discursivas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivou-se fazer uma revisão bibliográfica dos MDs derivados de imperativo em P2 em quatro línguas românicas para explicitar similaridades e diferenças morfossintáticas, fonético-fonológicas e semântico-pragmáticas entre as abordagens. Evidenciou-se, inicialmente, como núcleo piloto definidor dos MDs investigados, um desbotamento do conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo.

Quanto aos aspectos morfossintáticos, observou-se que verbos de percepção visual no imperativo em P2 tendem a ser fonte de MDs. Para Pusch (2008), a emergência dos MDs derivados de imperativo deve-se ao fato de tratar-se de uma forma verbal morfológicamente subdeterminada e frequentemente curta. Nesse sentido, MDs derivados de imperativo, segundo o autor, dispõem, entre outros aspectos, de liberdade de posicionamento e fraca integração sintática em seu contexto de uso, o que parece condicionar determinados valores na conversação.

Na língua francesa, para P2, identificou-se forma única para o MD, diferentemente das demais línguas investigadas. Além disso, em espanhol e português, algumas formas dos MDs provêm de verbos de percepção flexionados no presente do indicativo – *olha e mira*; porém, outras formas dos MDs derivam do subjuntivo – *olhe e veja, mire*. Diferentemente do que ocorre em italiano, pois a forma *guarda* deriva da 3ª pessoa do singular do indicativo. Como se viu, esse aspecto na língua italiana influi diretamente no valor semântico do MD.

No que se refere aos MDs *voir, ¿ves? e vê*, verifica-se que ainda retêm fortes indícios de sua natureza verbal, pois tendem a exigir mais preenchimento do pronome sujeito no uso como MD, principalmente na língua francesa.

Dentre os aspectos semântico-pragmáticos, destaca-se que, em três línguas – francês, espanhol e português – os MDs provêm do verbo latino *videre*. Nesta língua, já se evidenciava um significado mais abstrato para este verbo, mantido também na passagem para as línguas românicas. As demais formas dos MDs também desenvolveram, a depender do contexto, esse significado cognitivo de *observar com a mente, prestar a atenção*, que, conforme Dostie (2004), teriam derivado o uso como MD.

Por fim, as quatro línguas românicas mantêm o significado literal do imperativo dos verbos de percepção. No entanto, no percurso de mudança, de verbo a MD, elementos designativos de espaço [+concreto] passam a ser usados como organizadores do universo discursivo [-concreto]. Observou-se, no levantamento de trabalhos que pesquisaram as quatro línguas românicas, que há um *continuum* de pequenas mudanças semântico-pragmáticas que podem derivar duas macrofunções: uma basicamente interacional e outra basicamente textual. A primeira com maior ênfase nas atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo tendo em vista o ouvinte, enquanto que a segunda mais voltada para a sequenciação do texto, assinalando relações de caráter coesivo.

## REFERÊNCIAS

- CASTILHO, A. T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 249-279.
- DOMÍNGUEZ, Carmen Luisa; ÁLVAREZ, Alexandra. Marcadores en interacción: un estudio de marcadores en el español hablado en Mérida (Venezuela). *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 3, n. 4, março de 2005. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/4/artigos/revel\\_4\\_marcadores\\_en\\_interaccion.pdf](http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/4/artigos/revel_4_marcadores_en_interaccion.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2008.
- DOSTIE, G. *Pragmaticalisation et marqueurs discursifs: analyse sémantique et traitement lexicographique*. Bruxelles: De Boeck-Duculot, 2004.
- FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v.31, 1999, p.931-952.
- GÖRSKI, Edair M.; ROST, Cláudia A.; DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; DA HORA, D. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.
- GUERRA, Alessandra R. 2007. 233f. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP: UNESP, 2007.
- HEINE, Bernd; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in african languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- \_\_\_\_\_; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. From cognition to grammar – evidences from African languages. In: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, v. 2, 1991.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: editora? 1991.
- JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 27-38, Vol. 1, Introdução.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-318.

PONS BORDERÍA, Salvador. *Conexión y conectores*. Estudio de su relación en el registro informal de la lengua. Valencia: Universitat de València, 1998.

PUSCH, Claus D. *Marqueurs discursifs et subordination syntaxique: La construction inférentielle en français et dans d'autres langues romanes*. Disponível em: <[http://www.romanistik.uni-freiburg.de/pusch/Download/construction\\_inferentielle.pdf](http://www.romanistik.uni-freiburg.de/pusch/Download/construction_inferentielle.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2008.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. v. IV, p. 21-61.

RISSO, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. v. VII, p. 256-296.

ROST, Cláudia A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SCHERRE, Maria Marta P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, G.; MACEDO, A. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. (Orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-50.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCHUSP, 1993. p.81-101.

\_\_\_\_\_. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. v. VII, p. 195-258 .

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. *Grammaticalisation et post grammaticalisation langues et linguistique*. Quebec: Université Laval, 1993.

WALTEREIT, Richard. Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian guarda. *Linguistics*, 40-5, 2002. p. 987-1010.

*Original recebido em: 24/10/2008*

*Texto aceito em: 28/11/2008*